CAPÍTULO 4

O PROFESSOR INDÍGENA E A PESQUISA SOBRE ARQUEOLOGIA:

Relatos sobre a percepção da comunidade

Neste capítulo serão discutidas questões teóricas e metodológicas em torno da relação entre arqueologia e educação, em seu caráter político e ideológico que caracteriza o seu papel social, ao ter por referência a percepção do professor indígena sobre a pesquisa. Com esse propósito, é importante lembrar algumas questões referentes ao capítulo dois sobre as práticas da arqueologia e da educação que se processam de forma crítica, quando o passado e as heranças culturais que, geram discussões e ações para resolução de problemas históricos.

Refletir sobre como os professores aproveitaram a pesquisa, é pensar o seu papel desempenhado a partir de uma visão de mundo. O ofício de professor é reconhecido, sobretudo, quando ele encontra retorno e ecos do seu trabalho nas atitudes e interesses de seus alunos e, melhor ainda, quando obtém repercussão em sua comunidade, com os pais e familiares dos alunos. O trabalho do professor indígena reúne em si uma ação essencialmente política, devido à sua responsabilidade no "transitar" entre dois mundos, e contribuir para o diálogo entre a sua comunidade e o mundo exterior ao da aldeia.

Tabela 5: Respostas dos professores sobre a pergunta: O que você achou da pesquisa?

IMPORTÂNCIA DA PESQUISA	CITAÇÕES
Pesquisa escrita e registro	9
Repassar para as crianças/alunos	8
Porque é professor	4
Resgate do que se perdeu	3
Arqueologia como novidade importante	2
Conhecer e aprender da própria cultura e tradição	2
Contato com idosos	2
Para questão de identificação e demarcação de terra	2
Pesquisa feita pelo próprio professor	2
Registrar para não desaparecer	2
Servirá para o futuro dos nossos filhos	2
Alunos vão registrar as coisas que não eram registradas	1
Para que os alunos dos professores assumam a responsabilidade sobre pesquisas futuras	1
As transformações que ocorreram.	1
Busca de conhecimentos e sabedorias	1
Conhecer artes que foram deixadas	1
Descobrir a identidade e a cultura material dos povos	1
Despertar a memória dos mais velhos	1
Fazer objetos do passado	1

Fortalecimento cultural	1
Gravação da musica	1
Identificar povos que foram extintos durante a colonização	1
Inexistência desse tipo de conhecimento	1
Interesse em aprofundar	1
Melhor opção para busca de conhecimentos dos acontecimentos	1
Melhorar o trabalho do professor na escola	
Método para lembrar o passado	1
Conhecer os serviços que eram feitos antigamente	1
Não índio sai com vantagem.	1
Necessidade de autorização do cacique e da FUNAI	1
Novidade que é a palavra arqueologia	1
Necessidade desse tipo de trabalho	1
Oportunidade de conhecer	1
Para continuar a viver nas regras	1
Para jovens conhecerem e aprenderem do passado	1
Risco de a pesquisa ser feita para outros	1
Risco de a pesquisa ser feita para o interesse individual do professor	1
Porque tinham pessoas que não sabiam a história da cultura material	1
Porque quase ninguém se interessa	1
Praticar o que foi deixado	1
Preservar o que se tem	1
Para que o professor produza conhecimentos dos mais velhos	1
Registro e divulgação	1
Repassar para a comunidade	1
Repasse de conhecimento para professor.	1
Apenas com a pesquisa o homem vai conhecendo, descobrindo o passado e o presente	1
Pesquisar sobre aquilo que somente os velhos possuem	1
Valorização de trabalhos e artefatos	1

Fonte: Dados da pesquisa

4.1. Produção e percepção sobre o conhecimento

Uma primeira percepção para o professor e pesquisador indígena sobre a arqueologia em sua comunidade está naquilo que torna a atividade uma fonte de prazer pelo saber, conforme coloca o professor Luis da etnia bakairi (14.3, 20150),

> Eu adorei fazer a pesquisa. Isso *me fez descobrir coisas que não são falados ou não são vistos atualmente*, durante a pesquisa descobri que temos muitas coisas, *muitas histórias* em relação *da cultura material* (grifos meus).

A resposta do professor faz perceber que, o interesse pelo processo de investigação e aquilo que ela traz a partir de "descobertas" sobre a história. Diante disso, um novelo de saber é desenrolado sobre os mais variados temas. Essa busca faz reavivar a memória daqueles que narram, além de despertar o interesse por parte daquele que ouve a história pouco falada e

conhecida. Desvendar o passado em sua plenitude é uma obra impossível de ser feita, o que é recuperado do passado são fragmentos da história que, são organizados e analisados pelo historiador e pelo arqueólogo, ou por ambos, conforme as fontes, com a finalidade de contar e construir uma história sobre as evidências existentes. A sistematização e interpretação dos dados cabem a estes profissionais, contudo, a história é fundamentalmente feita pela própria sociedade, a qual oferece informações, pistas e, principalmente, orientações sobre os olhares a serem lançados sobre os objetos e os agentes históricos. Os casos a serem citados a seguir dizem respeito à questão da relação entre produção de conhecimento, gênero e cultura material.

As atividades apresentadas pelo professor Luís referem-se a informações técnicas e culturais sobre a produção e o uso dos artefatos, sobre os quais menciona em todas as evidências, a questão de gênero ao tratar, por exemplo, a armadilha, o pilão e a mão-de-pilão e a cultura material das crianças (Figura 58 e 59).

Existe uma peculiaridade em relação à produção de um dos artefatos para as crianças, o chocalho. Ele é usado pelos pais para fazer as crianças menores dormirem e acordar, e pelas crianças é usado para brincarem, a princípio indica uma situação de faixa de idade, principalmente no fazer dormir. Entre grupos guaranis, o *mbaraka* ou chocalho é de uso ritual, cujo similar não é confeccionado para as crianças. Contudo, o chocalho de mão ou *pako* bakairi, confeccionado com semente de pequi e utilizado para *harmonizar o ritmo da dança*, segundo Alinor Bakairi (14.3, 21896), é também um objeto de uso ritual.

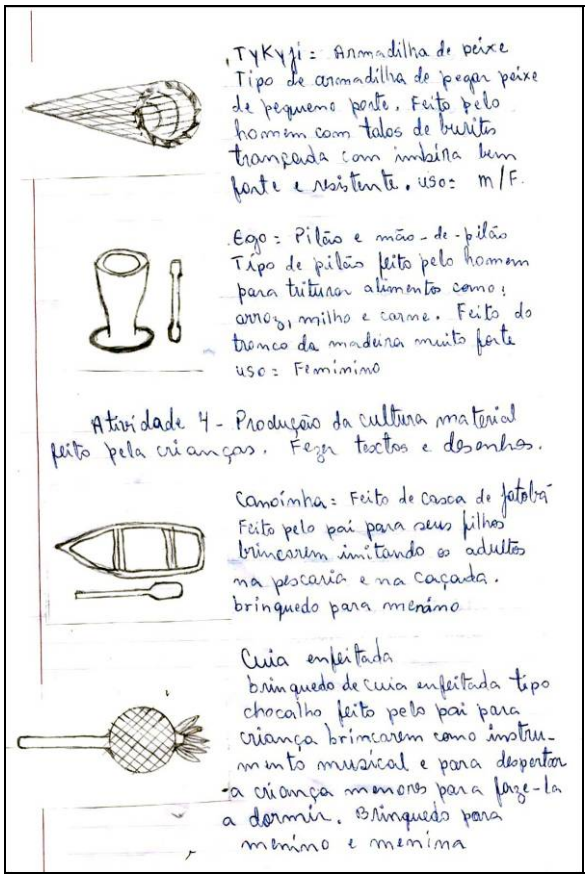


Figura 58: Luiz Apacano Kapeguara. Arqueologia e gênero. Base: A-4. Técnica: mista. Acervo: PROESI.

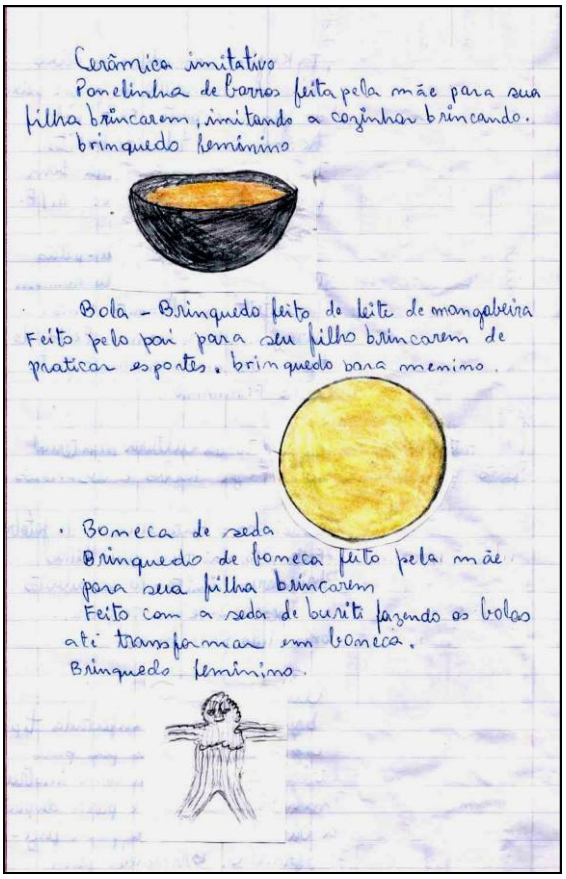


Figura 59: Luiz Apacano Kapeguara. Arqueologia e gênero. Base: A-4. Técnica: Lápis de cor Base: A-4. Técnica: mista. Acervo: PROESI.

O professor Mariel (14.3, 21845), em dois de seus desenhos, mostra a diferença de gênero que se manifesta no interior de um grupo. Além da distinção entre homens e mulheres nas atividades domésticas, existe a manifestação cosmológica clânica associada à cultura material.

Quadro 18: Artefatos e evidências materiais da etnia bororo

Artefato	Confecção	Uso	Matéria-prima	Observações e uso
Girau ou *kamoreu**	M/F	M/F	Madeira pequena	Colocar os alimentos
Cerâmica: panela ou *aria*	F	F	Argila	Preparo de alimentos, cozimento de carnes, peixes entre outras coisas.
Cerâmica: vaso, pote ou *pori*	F	F	Argila	Armazenar água e bebida fermentada.
Cerâmica: pote médio ou *pori gabo*	F	F	Argila	Servir e armazenar água
Colher de pau ou *kuierapa*				
Esteira ou *beto*	F	F	Buriti	É usada nos rituais, para dormir, também em suas casas.
Esteira ou *kodo**		M/F	Acuri (*Attalea phalerata*) e babaçu (*Orbignya speciosa*	Feito com o broto destas palmeiras. Serve para sentar ou deitar.

			ou *Orbignya martiana*)	
Lenha ou *jerigi**		M/F		Para aquecer e iluminar
Casa				
Colar de tatu canastra (*periodontesgiatus*)			Unha de tatu canastra ou *bodori inegi*	Um dos clãs detêm este colar

Fonte: Dados da pesquisa.
*Informações de Virgílio Bororo.

Em relação à produção e uso dos artefatos observados entre a mulher (Figura 60), quatro utensílios cerâmicos são observados, cujos nomes na língua indígena, segundo o desenho de Virgílio, são: panela ou *ária,* pote ou *pori* e tigela ou *ruwobó* (Figura 61). As diferenças quanto à forma são decorrentes da função e uso dos utensílios. O pote ou *pori* globular, que está sobre o jirau, é usado para colocar água, com gargalo; a tigela ou *ruwobó,* mais aberta serve para cozinhar; já as outras duas panelas *ou ária*, mais altas, talvez sejam usadas para armazenar alimentos. O professor Mariel estabelece a diferença entre *pori* e *pori gab*:o primeiro é um vaso e o segundo é admitido como um pote médio.

Figura 60: Mariel Mariscot Bento Kujiboekureu. Arqueologia e gênero. Base: A-4. Técnica: mista. Acervo: PROESI.

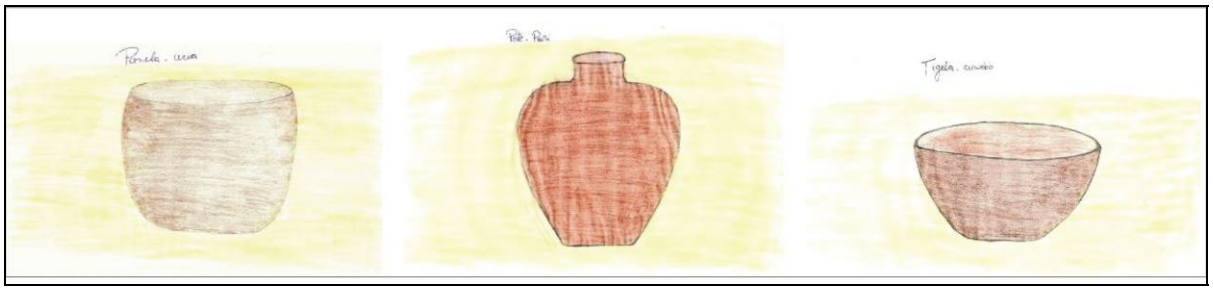


Figura 61: Virgílio Kidemugureu. Arqueologia e cerâmica. Base: A-4. Arqueologia e gênero. Técnica: lápis de cor. Acervo: PROESI.

Foram feitas algumas referências sobre os procedimentos técnicos e culturais para a produção dos artefatos cerâmicos, mais especificamente: Quem faz? Qual é a participação de outras pessoas no processo e o que fazem? Quais são restrições e interditos? E as historicidades e a herança cultural? (ROBRAHN GONZALES, 1998).

O professor bororo Virgílio Kidemugureu (14.3, 21844), filho de Nice Kuioto, ceramista, ministrante da oficina de cerâmica do "Projeto Aplauso" na aldeia Perigara e uma das poucas oleiras bororo da atualidade, oferece outras informações sobre o artefato.

Um dos critérios adotados para produção da cerâmica está na escolha da argila, cuja qualidade considerada ideal é a de não possuir areia para que objeto não se quebre. A identificação dessa característica é feita a partir da mastigação do *barro,* e assim se determina a sua coleta. Segundo Virgílio a cor não é importante. Contudo, Mariel informa que o *barro preto* ou *rotu* é quase sempre o escolhido pelas mulheres. Segundo Virgílio são três os locais de coleta da argila: na margem do rio, dentro da água e em locais afastados *do rio no campo.*

Virgílio coloca a restrição da mulher não poder manter relações sexuais e não estar menstruada durante a produção da cerâmica, tanto para encontrar a argila, como para que ela não quebre durante a queima. Para Mariel o período menstrual é restritivo porque o artefato não alcançará a perfeição almejada.

Acerca de outros procedimentos para produção do objeto cerâmico, Mariel enuncia que o tempero ou antiplástico usado é a cinza de orelha de burro (*Byrsonima verbascifolia*) ou *aria uiorobo*, que segundo Mariel, tem por finalidade *dar mais resistência para a cerâmica.* O emprego do antiplástico é visto na Figura 62, que mostra a sra. Nice Kuioto amassando a argila, mas não é possível garantir que o tempero citado por Mariel é o mesmo utilizado no postal. É mais provável que o tempero seja outro, já que o professor Virgílio citou como tempero bastante usado, o farelo do osso da *perna* e do *braço* do boi, mas pode ser substituído pela casca de uma árvore. O farelo do osso, cujas partes aproveitadas são as mais grossas, é obtido da queima, do pilar, e do peneiramento das cinzas, para então ser misturado à argila.

Virgílio informa que, após os objetos estarem prontos, eles são secados dentro de casa, na ausência de sol e vento, diferente do que ocorre no caso tapirapé já citado, e que depois de seco, é feito o alisamento do objeto com uma concha ou caroço de jatobá (*Hymenaea courbaril*).

Figura 62: Nice Kuioto e a tradição da arte oleira bororo. Foto de Frede Fogaça. 2005.

No início da queima, os vasilhames com palha de acuri (*Sheelea phalerato*) em seu interior, são mantidos a uma distância aproximada de trinta e cinco centímetros das brasas. Aos poucos os objetos são aproximados, até ficarem em meio às brasas (Figura 62), conforme pode ser observado no postal, mesmo que seja uma simulação para a foto e não represente o momento real da produção do artefato.

Mariel enfatiza que o objeto, após seco, é colocado em *contato direto com o fogo. Quando incandescente, a ceramista depois de ter afastado as labaredas,* ***tempera-a com borrifos de infusão fria de casca da árvore*** *do cerrado chamado jure´i, orilha-de-burro, que é o aria uiorubo* (grifos meus). Não havendo trincas, o utensílio está pronto para o uso. Esse processo de fabricação da cerâmica é sintetizado na palavra *muguto,* cujo significado é

assentar, e este, por sua vez, significa *fazer*. Por exemplo, *aria muguto* quer dizer, *fazer uma grande panela de barro*. Mariel fala ainda que a forma do objeto é esferoidal, e no uso para cozinhar são colocados em *uma pequena cavidade aberta no solo.*

Os relatos dos professores Virgílio e Mariel oferecem outros quesitos acerca da produção do artefato cerâmico, além daqueles já vistos entre os tapirapé e os umuitina, como: a localização e o teste da argila, aspectos da produção, utilização do antiplástico, processo de queima, restrições, diferentes usos, formas e tamanhos.

As considerações do professor Virgílio evidenciam um outro contexto, o atual, acerca da produção da cerâmica bororo situado no campo da interação entre essa sociedade e a não indígena. Primeiro, pelo fato de que os detentores das técnicas para a produção desse artefato serem poucos, em função do longo período de contato e desuso do objeto no cotidiano. Segundo demonstra a adoção de uma nova matéria-prima utilizada em sua produção, o osso de boi como tempero. E, terceiro, como foi falado por Virgílio em sua apresentação oral durante o curso, o artefato produzido por sua mãe é feito para venda sob encomenda.

O fogo na panela é uma outra evidência tanto para estudos arqueológicos como para os etnográficos, pois reflete o cotidiano, as práticas culturais, a organização social (conforme será discutido no caso ikpeng) e fatores ambientais. O fogo para a arqueologia é de fundamental importância por possibilitar uma das formas de datação mais usadas para o material arqueológico, a técnica de Carbono–14 (C-14), a partir do carvão orgânico. O fogo está associado a rituais e práticas funerárias, além de seu uso doméstico e preparo de artefatos. Assim como, informa sobre a mitologia e a origem do fogo.

Acerca da estrutura de combustão, um outro enfoque relaciona a distinção entre as madeiras e sua melhor finalidade, para aquecer e iluminar (lenha branca) e para torrar farinha (lenha vermelha). O tipo de madeira é um critério para a análise desse utensílio destinado ao conforto pessoal, além do grande significado simbólico que possuí. O fogo ainda traz outras informações, como a forma do corte das lenhas levadas ao fogo (em pequenos pedaços ou inteiras), o múltiplo uso que oferece como cozinhar, aquecer, iluminar, assim como encurvar os arcos e desempenar as flechas (VELTHEM, 1987). E também, observando a Figura 20, que retrata uma estrutura de combustão tapirapé que, ao ser comparada com a bororo demonstra diferença pelas pedras que sustentam a panela.

Ainda sobre a Figura 60, o objeto em que a índia bororo está sentada é a esteira, ou *beto, ou kodo,* cuja confecção é feminina, mas usada por ambos os sexos. Esse objeto é produzido a partir do broto da palmeira de acuri (*Attalea phalerata*), o qual, de acordo com Virgílio Bororo, é feito pelo usuário, mas pode ser trocado ou comprado. Verifica-se também

a presença do jirau ou *kamoreu*, colher de pau ou *kuierapa* (produzida por aquele que irá usá-la, independente do sexo).

O colar usado pela índia bororo é um artefato que retrata a organização social desse povo, feito com a unha de tatu canastra ou *bodokori inegi* (*inegi* =dente), o colar pertence a um dos clãs da sociedade bororo.

A Figura 63 retrata o mundo masculino associado à caça, e traz consigo informações sobre as armas e os objetos de uso pessoal, como a pulseira e o adorno de braço. A respeito das armas, é possível verificar as partes que compõem a flecha: ponta, vareta, haste e emplumação (ver Figura 29). As penas da emplumação foram retocadas em paralelograma.

Figura 63: Mariel Mariscot Bento Kujiboekureu. Arqueologia e gênero Base: A-4. Técnica: mista. Acervo: PROESI.

O arco produzido com a madeira coração-de-nego (*Cassia* sp.) ou *rumaga umana*, proporciona a confecção de *um dos arcos mais fortes e resistentes por isso é muito querido pelos bororos*, como dito por Mariel. O arco bororo distingue dos arcos tapirapé devido ao excedente da corda ser enrolado na empunhadura do artefato (ver Figura 39). Diante dessa perspectiva sobre esse conjunto, uma outra é mostrada por Mariel, trata-se da posição de mira (Figura 64) e técnica de disparo (Figura 65). Sobre essa última não é possível visualizar com clareza em quais das categorias se encaixa o desenho de Mariel, mas com certeza não se trata do disparo primário.

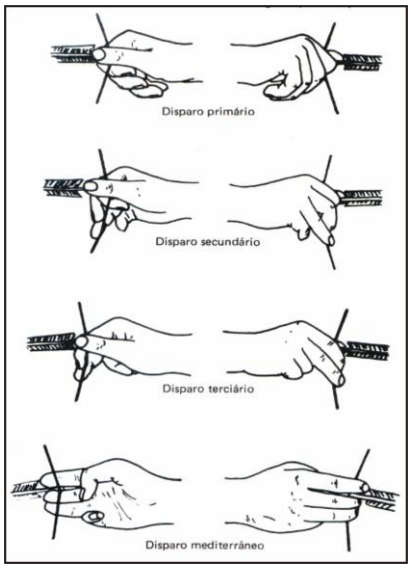


Figura 64: Posição de mira (CHIARA, 1987, p. 135).

Figura 65: Técnica de disparo (CHIARA, 1987, p. 136).

O exercício de refletir sobre a inserção da arqueologia na práxis pedagógica do professor é uma das formas de pensar uma prática da arqueologia pública, enquanto programa e projeto que visa estimular e promover o maior conhecimento e apreciação crítica das pessoas e dos grupos sociais sobre essa disciplina. Isso ocorre de duas maneiras: propicia a divulgação das pesquisas arqueológicas e incentiva a comunidade freqüentar e vivenciar de forma ativa espaços como universidades, museus e bibliotecas (LEA&SMARDZ, 2000). Esse é um dos lados sobre a arqueologia voltada para o público, cujo êxito e concretização é decorrente da apreciação e do gosto da sociedade pelo que achou e viu na arqueologia.

Para o professor Luís da etnia bakairi (14.3, 20150), a pesquisa significou a descoberta de muitas histórias sobre a cultura material. Como resultado, os materiais produzidos pelo próprio professor (a), são compreendidos como narrativas sobre o passado e o presente.

Conseqüentemente, as fontes desta dissertação são encaradas como tais. Na arqueologia, as narrativas são meios para se interpretar o mundo social em seus vários sentidos, e sob esse olhar constrói seu objeto e produz discurso. Portanto, os materiais produzidos em forma de texto e imagens, pelos professores, como também pelos seus alunos são compreendidos como narrativas cotidianas sobre temas diversos que refletem o social no material (FUNARI, 1999). O caminho para obter tais narrativas diz respeito ao acesso sobre o passado. De que forma essa "viagem" pelo tempo ocorre e qual a mensagem que ela traz para o presente? O relato de Fábio da etnia xavante evidencia o tempo passado, associado a um objetivo bastante específico. Para ele a pesquisa serviu pelo seguinte, *para que* ***voltemos para o passado*** *e para* ***escrever e preservar*** *por escrito* ***a nossa cultura****.* (grifos meus). Pitoga Ikpeng retrata, de forma comparativa, a relação entre o passado e o presente em sua cultura. Ao abordar vários utensílios domésticos, seja para o transporte, limpeza, preparo de alimentos, armazenamento, conforto pessoal ou implementos, acaba por desenvolver reflexões acerca da idéia sobre o tempo, o pretérito e atual (Figura 66).

Figura 66: Pitoga Makne Txikão. Arqueologia, utensílios domésticos e de trabalho: desterritorialização. Base: A-4. Técnica: mista. Acervo: PROESI.

Quadro 19: Utensílios domésticos citados por Pitoga Ikpeng

Utensílio	Confecção	Uso	Matéria –prima	Aspectos do uso, sociais e históricos
Jamaxim (3 lados) ou *mayaku*	M	M	Cipó, *embira*	Somente no transporte dos produtos da roça, pode ser emprestado.
Ralador ou *kai*	M	F	Tronco de árvore e tucum (*Bactris glaucescens*)	Usa-se *o casco de árvore* e o espinho de tucum. Por ser de difícil confecção a mulher empresta para parente da família.
Panela de alumínio nº 50			Industrial	A panela de barro ou *on muk* atualmente está extinta. São obtidas pela troca com os Waurá.
Banco				
Fogo		M/F		A resina do jatobá era usada como vela. Atualmente no preparo da flecha. Utilizado também na cura de doenças; e na tatuagem.
Limpa mão ou *tampowi*	F	F	Galho de árvore	Vassoura descartável não usada atualmente, trocada pela industrial.
Vassoura ou *wamengketpol**	M	M/F	Buriti, vara e embira	Do buriti se usa o talo. Dois tamanhos, a maior para limpar a casa e o pátio, a menor para torrador de beiju. Hoje a usada é a menor.
Vassoura			Industrial	Uso atual
Facão ou *togo*		M/F	Industrial	Preparar artefatos
Lima			Industrial	Uso atual
Folha do ipê-roxo		M	Ipê-roxo (*Tabebuia impetiginosa*) ou *raknatxi*	Lixa antiga

Fonte: Dados da pesquisa.
* Artefato não identificado no desenho.

Dos dez artefatos apresentados no desenho de Pitoga, oito referem-se ao presente, são eles: utensílio de transporte, para o preparo e armazenamento de alimento, e conforto pessoal; dois apontam o passado, utensílios de limpeza e implemento. O que é representado pelas imagens a partir do contato entre o professor e um ancião ou anciã, favorece a investigação de contextos comparativos entre o passado e o presente, que reflete mudanças ocorridas na trajetória histórica do povo. Acerca das mudanças identificadas no desenho, pode-se citar: a troca dos utensílios de cerâmica pelos de alumínio; as vassouras industriais ao invés daquelas feitas de galho de árvore; o uso de lima e facas como implementos (utensílio utilizado para a confecção de artefatos) e a folha do ipê roxo (*Tabebuia impetiginosa*) ou *raknatxi* para lixar o arco.

Uma questão acerca desse e de outros conhecimentos pode ser feita, e que reflete a relação entre comunidade, professor e escola, a pergunta é a seguinte: porque se deseja esse tipo de conhecimento para a comunidade e a escola?

O professor Pitoga (14.3, 20148), relata que o interesse da comunidade em relação ao

trabalho do professor ocorre pelo seguinte motivo: *porque* ele está ***fortalecendo a nossa cultura****, através da* ***pesquisa na escrita****, para* ***ela não esteja extinta*** *futuramente, para* ***ser arquivado*** (grifos meus). O risco de "extinção" de "partes" da cultura aponta para uma condição: a ação do professor no registro escrito da atividade e seu arquivamento. Tais interesses, o registro e o arquivamento são ações e opções do presente sobre o passado, situação bastante corrente no mundo contemporâneo que, mostra também a luta pela identidade.

Henson (2000) relaciona três questões existentes sobre o interesse pelo passado: 1) aprender sobre o passado, possibilita a entrada em um mundo exótico com culturas diferentes à nossa e que podem fascinar e cativar; 2) aprender do passado, enquanto fonte de informação para o presente faz com que o tempo pretérito sirva de lição a ser aprendida, e assim olhar o futuro; e 3) o uso do passado no presente, remete à idéia de patrimônio como mercadoria e símbolo de identidade. O contexto implica no uso consciente do patrimônio para projetar uma imagem sobre "nós" mesmos ou prover um senso confortável de pertencimento.

O relato do professor Fábio, associado às perspectivas que as imagens e colocações de Pitoga, impulsionam para reflexão sobre as colocações de Henson, em termos de associar, o aprender sobre o passado como uma volta a ele; o olhar para o futuro à idéia de escrever e preservar; e a concepção de patrimônio a idéia de pertencimento, *nossa cultura.*

Esse quadro permite pensar sobre a criação de um elo entre o passado e o presente no encontro de gerações, como os professores, seus interlocutores e alunos que, os quais propiciam produção de conhecimentos e narrativas de forma dialógica. Além disso, possibilita avaliar a receptividade da comunidade, nas palavras de Pitoga Ikpeng (14.3, 20148):

> As *pessoas* que estavam presentes *me incentivaram* para que *eu sempre possa fazer a pesquisa* que é fundamental para serem *registrada em escrita a história Ikpeng*. Quando ouvi isso tudo a favor da minha pesquisa eu me senti feliz e *trabalho valorizado*(grifos meus).

O que foi exposto pelo professor, revela uma participação ativa das comunidades frente à realização da pesquisa de Pitoga que, reflete discussões importantes em torno da idéia do que é gestão participativa no processo escolar e na produção do conhecimento.

Uma visão positiva da comunidade e, por conseqüência do professor, é notada quando a mensagem da arqueologia atinge os sentidos e estabelece uma relação afetiva que, gera reflexões e ações em torno do patrimônio cultural. Para Henson (2000), a história e a arqueologia, oferecem mais conteúdos do que simplesmente contar o que aconteceu e quando.

Para esse autor, a arqueologia é uma disciplina essencialmente humanística e tem o propósito de melhorar a visão que as pessoas têm do mundo e de si mesmas. Sobre esse aspecto uma questão sobre o curso é pensada: a idéia de continuidade reflexiva e as perspectivas de ações relacionadas à arqueologia no PROESI. A idéia possibilita uma maior avaliação sobre o trajeto da disciplina, inclusive de criar um espaço de diálogo em torno dessa dissertação.

A arqueóloga Márcia Bezerra de Almeida (2002), ao discutir a relação entre os arqueólogos e o público escolar, explica que algumas vezes ocorre a falta de habilidade desses profissionais ao tratar a arqueologia com o público. Essa situação não é decorrente da capacidade intelectual do profissional ou dos recursos por ele utilizados, mas sim da falta de informação sobre a identidade do público a quem se dirige. É nesse ponto que recai o êxito ou o fracasso da relação entre o arqueólogo e o público escolar, portanto, diálogos contínuos podem criar um bom vínculo em torno da produção do conhecimento.

Mesmo que os professores indígenas não venham a ser arqueólogos, e os cursos que freqüentam sejam licenciaturas, torna-se significativo pensar a arqueologia como um instrumento político e ideológico. Os professores, ao informar, difundir, questionar, discutir e agir sobre a arqueologia em suas comunidades, dentro da escola, nas casas, nos conselhos e reuniões tradicionais ou não, interagem com seu público. Isso só enriquece a pesquisa pelos professores realizada em termos de conhecimento e presença científica, social e política na arqueologia.

4.2. A responsabilidade sobre o conhecimento.

Observam-se formas como a atividade de pesquisa foi vista pelos professores enquanto práxis pedagógica associada à um ambiente específico, os quais permitem o desenvolvimento de suas aptidões na relação entre as ciências da educação e a arqueologia, com o público escolar, mas também com a comunidade. O passado reavivado e redescoberto faz da pesquisa um fundamento para a busca do conhecimento e é uma missão do presente a partir de dois motivos: o protagonismo e a ação na pesquisa.

Álvaro (14.3, 20135) do povo xavante afirma que a importância da pesquisa reside na condição de que, ***somos acadêmicos*** *podemos procurar novos conhecimentos para os estudos de arqueologia e artefatos indígenas dos passados* (grifo meu). A busca pelo conhecimento é entendida como um *devir* da condição de acadêmico.

Um outro ponto é a relevância da pesquisa que ocorre quando é atribuído o valor em torno da ocupação, função e vínculo institucional. Waranaku Awete (14.3, 20214) relaciona o

ser professor ao exercício da busca pelo conhecimento, em suas palavras, *achei importante fazer a pesquisa com os mais velhos,* ***porque eu sou professor*** *da Aldeia Aweti, preciso aprender o conhecimento que a gente tem como indígena* (grifos meus).

Os relatos dos dois professores permitem refletir sobre uma diversidade de conhecimentos gerados a partir dos professores como agentes ativos da pesquisa, cujas responsabilidades são as de acadêmico e professor. O objetivo é refletir a ação do professor nestas duas instâncias institucionais, a escola e a academia, como fatores motivados pelas transformações globais. Os professores como acadêmicos em licenciaturas diferenciadas, assim como as suas experiências cotidianas, possuem uma relação com arqueologia acadêmica empírica e teórica. Diante do exposto é interessante fazer uma breve referência sobre a arqueologia na academia. Vale ressaltar uma pergunta feita oralmente por Loike Kalapalo, no primeiro dia de aula de arqueologia: *como faz para ser arqueólogo no Brasil e aonde ele trabalha*?

Segundo Paulo Funari (1995), o estudo da arqueologia nas sociedades ocidentais é originado de diferentes matrizes universitárias. Nos Estados Unidos, uma grande parte dos arqueólogos é composta por antropólogos, pois a Antropologia incorpora áreas como a Lingüística e a Arqueologia. Existe um tronco básico em Antropologia que discute a cultura do "outro", a partir daí, os arqueólogos estudam os índios mortos, e os antropólogos os índios vivos. Já a tradição européia é mais diversificada, composta por pré-historiadores, medievalistas e classicistas formados pela tradição-filológica alemã. A arqueologia é parte da história da arte, da história ou das línguas. Na Grã-Bretanha foi diferente, a arqueologia adquiriu independência epistemológica com a criação de diversos cursos de graduação.

No Brasil, a Arqueologia é uma área que existe no contexto mais amplo citado, e também caracterizado pelo reduzido número de arqueólogos, aproximadamente trezentos, em decorrência dos reduzidos cursos de graduação, pós-graduação, e como área de concentração em alguns programas de pós-graduação em História em especial (FUNARI, 2000 b). Dentro desse universo seleto, galgar uma carreira na arqueologia implica desafios e esforços, tanto em relação à formação acadêmica, como no campo de atuação profissional.

O quadro apresentado sobre a arqueologia no Brasil, assim como sua relação com a educação, de pouca importância, demonstra um caráter restritivo para sociedade não indígena, mas também para sociedades indígenas, por pouco envolver e relacionar, sociedades indígenas, educação escolar e pesquisa arqueológica. Entretanto, a atividade de pesquisar sobre arqueologia foi bem aceita enquanto pesquisa acadêmica, como apontou Álvaro e sua responsabilidade de acadêmico e Waranaku de professor. Uma segunda questão diz respeito

às matrizes disciplinares da arqueologia acadêmica, no caso a antropologia e a lingüística, duas das três licenciaturas do PROESI. O que é possível é que existe um olhar indígena atento, preparado e perspicaz para observar a arqueologia e relacioná-la com essas áreas do conhecimento e que, enriquece a percepção e a ação do professor. Conforme é verificado também nas habitações, que simbolicamente representam aspectos cosmológicos, históricos, morfológicos, materiais e lingüísticos.

A planta baixa, o corte longitudinal e a fachada principal de acordo com o desenho de Pitoga Ikpeng (Figura 67), trazem informações acerca das áreas acima mencionadas. A análise da planta baixa mostra o que se considera o registro da evidência arqueológica do presente para o futuro. Contudo, se as evidências da planta baixa retratam o passado ikpeng, é um questionamento ainda a ser feito. A planta baixa mostra a morfologia de uma casa tradicional, cuja forma é elíptica, observada pelos esteios fixados ao chão, o caibro e o *epori* (no qual é fixado o frechal), são observados também os esteios para redes.

Quadro 20: Glossário da habitação ikpeng, por Pitoga (ver Figura 68)

Nome em portugues	**Nome em ikpeng**
	Epori
Frechal	*Ait* inferior
Terça	*Ait* superior
Esteio para rede	*Yayan*
Ripas	*Erokban*
Esteios	*Enguaalï*
	Yarakgrï
Cumeira	*Yarakgrï cerpo*
Caibros	*Ampon yepru*

Fonte: Dados da pesquisa.

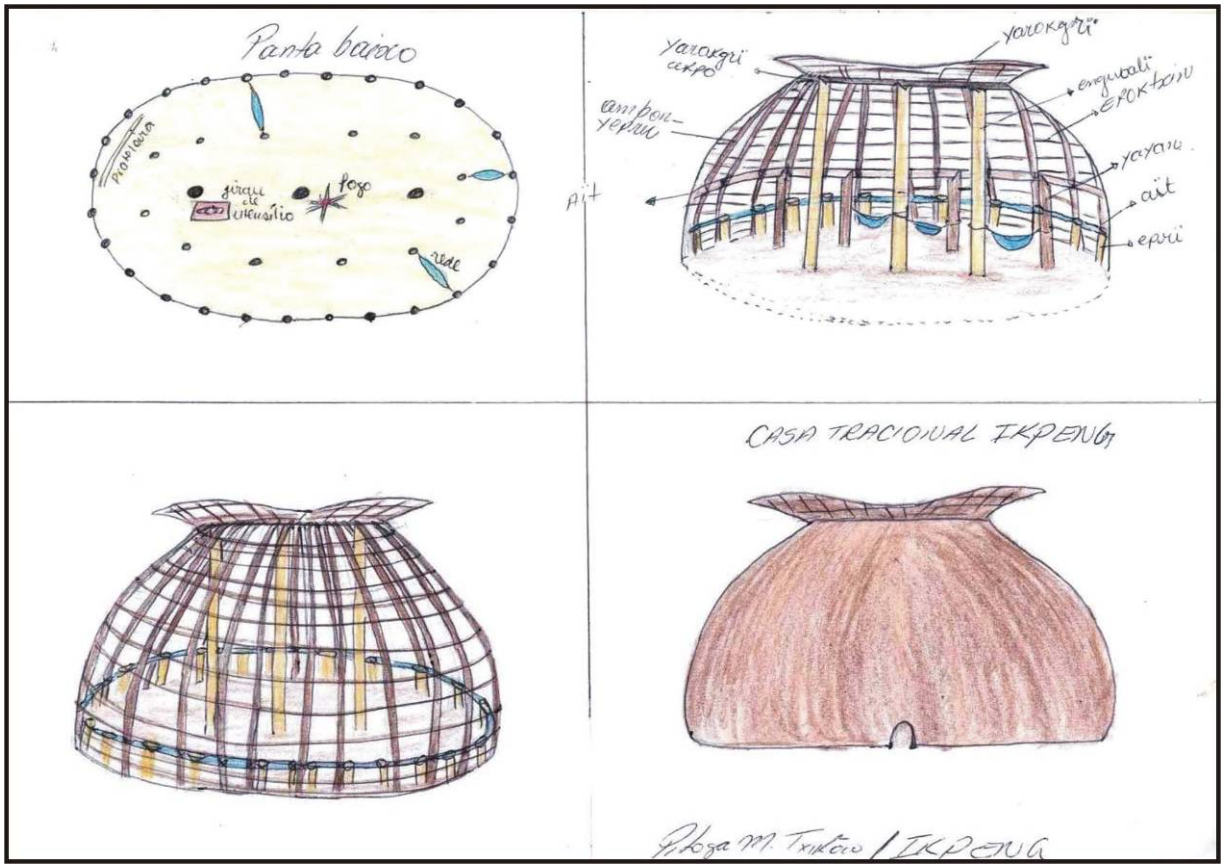


Figura 67: Pitoga Makne Txikão. Arqueologia e habitação: planta baixa, corte longitudinal e fachada principal. Base: A-4. Técnica: mista. Acervo: PROESI.

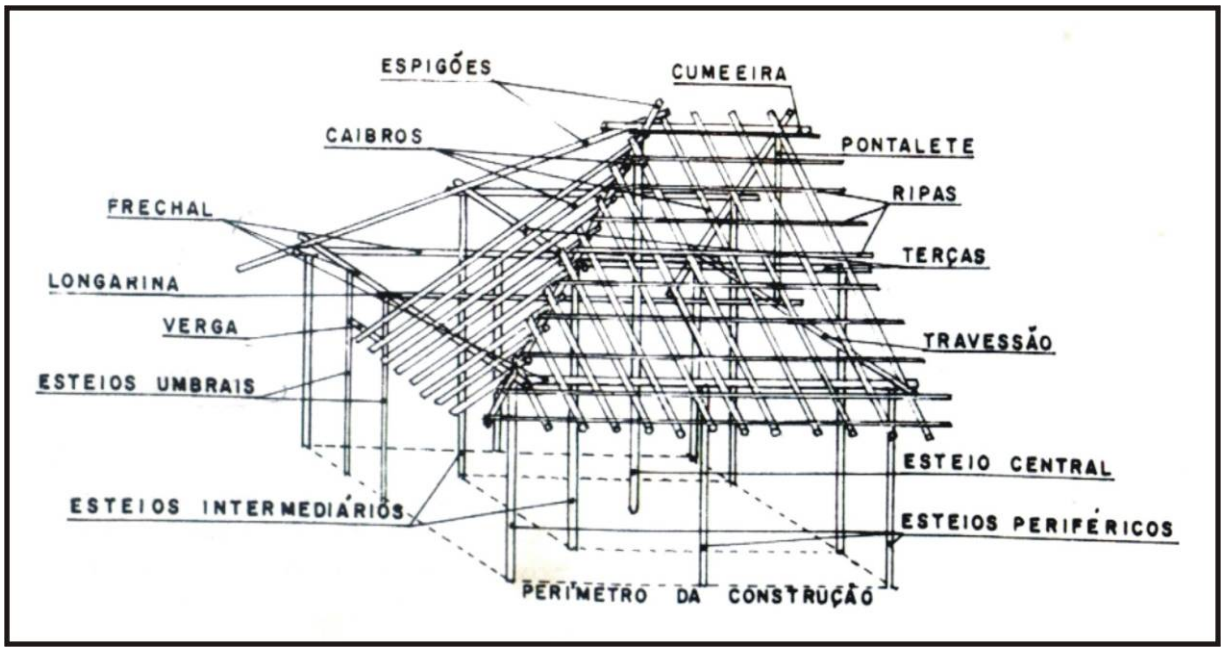


Figura 68: Glossário da habitação (MALHANO, 1987).

Na organização social do espaço da aldeia ikpeng, o centro de cada uma das casas compõe com o *mungie,* o percurso de uma dança elíptica nos cerimoniais. Assim como, é elíptica a concepção cosmológica do espaço da aldeia, cujo centro ou praça ritual a "lua", é constituída em uma elipse com dois fogos, onde está o *mungie. O mungie* não é uma casa dos homens no modelo alto xinguano, pois normalmente permite a entrada de mulheres. O *mungie* funciona como um *atelier* de artesanato e local de preparativo e ensaio dos cerimoniais. No *mungie* os amigos comem e bebem fora do grupo doméstico (MENGET, 2003, p. 9), como se observa no pátio da aldeia Moygu (Figura 69).

No interior da casa, as evidências materiais são quatro: o fogo, o jirau de utensílios, a prateleira e as redes (e seus esteios). Entre os ikpeng, o fogo é o terceiro grande nível da sua organização social, o povo é o primeiro e em seguida a casa.

Acerca da idéia de povo, não existe uma palavra que a designe. Contudo, na presença dos não-ikpeng, é bastante usada a palavra *nós* ou *txmana* e também *ompan Ikpeng ninkun*, *que significa* "todos os Ikpeng"*,* em oposição aos outros que, designam estrangeiros ou inimigos. A organização social entre os ikpeng de maneira geral, está relacionada aos laços moralmente solidários face ao mundo exterior (MENGET, 2003, p. 6).

A casa, cuja arquitetura assemelha-se às alto-xinguanas (MENGET, 2003) e pelos ikpeng serem do Alto-Xingu oferecem pistas acerca da sua morfologia. Mas socialmente significa uma forma de conhecer a importância dos grupos domésticos que habitam uma mesma casa. A qual reflete os agregados de unidades domésticas, cujo tipo e dimensão são variáveis. Trata-se de uma conjuntura social constituída de laços e relações que são determinantes para que as atividades da casa sejam realizadas em conjunto pelos grupos de uma mesma unidade doméstica (MENGET, 2003, p. 6).

Os vários grupos domésticos agrupados para compartilhar o **fogo** (grifo meu), que serve para cozinhar e aquecer representa o terceiro nível de organização social entre os ikpeng. Esses grupos são compostos pelo marido, esposo e os filhos, como são praticantes da poligamia e da poliandria, ou seja, tanto homens como as mulheres podem ter mais de um cônjuge, os quais também partilham esse fogo (MENGET, 2003, p. 6).

A denominação na língua ikpeng para as partes que compõe a habitação pode ser um ponto de partida para discussões que relacionem aspectos lingüísticos, cosmológicos, materiais e técnicos.

Conforme mencionado, as habitações ikpeng assemelham-se às habitações alto-xinguanas. As casas do Alto-Xingu são compostas por partes que simbolizam o corpo humano (antropomorfismo) (Figura 70) (FÉNELON COSTA & MALHANO, 1987).

Figura 69: Pitoga Makne Txikão Arqueologia e organização espacial: aldeia Moygu

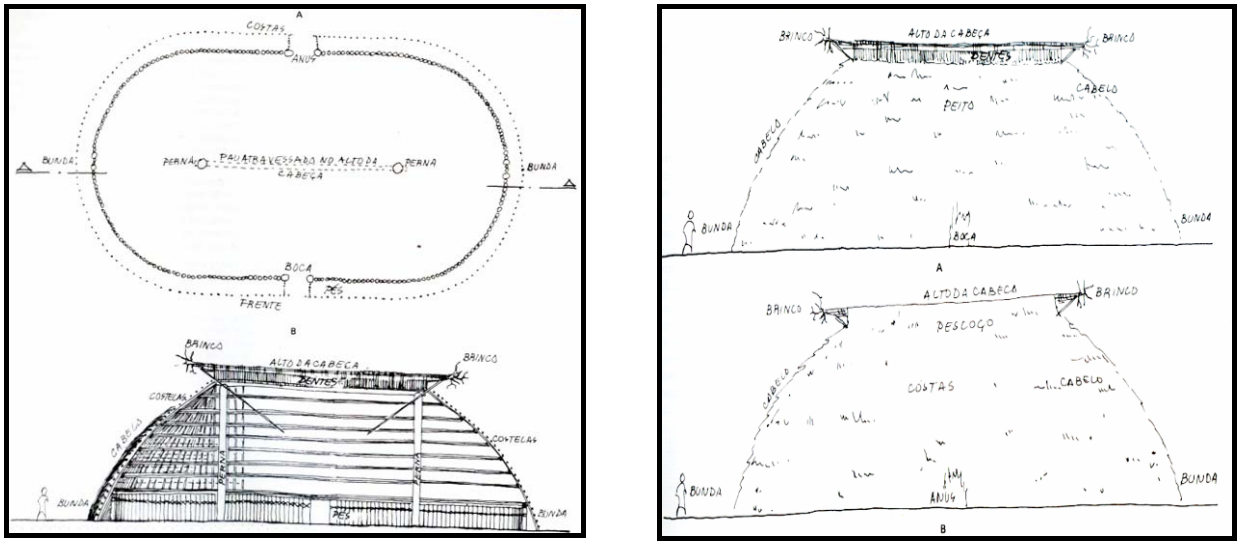


Figura 70: Antropomorfismo da habitação (FÉNELON COSTA & MALHANO, 1987)

Essa figura mostra o modelo das casas xinguanas, cuja planta baixa é uma elipse, composta de dois esteios principais. A planta baixa mostra um esteio daquela contida no desenho de Pitoga, mas observa-se no desenho ikpeng o que seriam os pés ou *epori.* Cada uma das partes que compõem a habitação pode ser indagada em termos da antropomorfização ou não das casas ikpeng. Além disso, é pertinente a pesquisa arqueológica quando recorre à etnografia, na busca de similaridades e diferenças, continuidades e descontinuidades, processos construtivos e culturais empregados na sua edificação. O que poderia ser feito por meio de um quadro comparativo entre os ikpeng e os demais gupos do Alto-Xingu, assim como, outros povos falantes da língua aruak, nesse contexto comparativo, é sugerir perspectivas que visem discutir aspectos relativos a etnicidade. Soma-se a estas questões, uma afirmação de Pitoga, a de que os ikpeng aprenderam a fazer casa com os kayabi.

Os posicionamentos assumidos retratam uma participação ativa da arqueologia nos processos da educação da sociedade moderna, pois auxilia na análise de questões como a exclusão dos povos indígenas no discurso científico da arqueologia, mas também na arquitetura acadêmica. O tema “habitações indígenas” ou “arquitetura indígena” (termo não reconhecido) tem pouco espaço nas ementas curriculares das faculdades de arquitetura. Vale ressaltar que, segundo Pitoga a sua pesquisa foi feita com um grande *arquiteto,* com o ancião P.I.

A educação escolar e o ensino superior indígena significam não só uma forma de

inclusão dos povos indígenas, mas fundamentalmente permite, à sua maneira, a (re) produção de um conhecimento tradicional, em uma conjuntura dinâmica e multicultural. Tal perspectiva pode ser vista também como uma narrativa indígena para a universidade, na universidade e da universidade.

A consideração do engajamento na pesquisa é visto por Waranaku do povo aweti como uma necessidade do professor aprender e interagir com a comunidade. Como professor no exercício da prática pedagógica, ele tem como uma de suas missões a construção do currículo na escola em que atua. O contexto curricular pode envolver a arqueologia como foco de discussão enquanto tema gerador em um ambiente arqueológico, a aldeia que, resulta em concepções teóricas e metodológicas acerca da representação do grupo, interna e externamente.

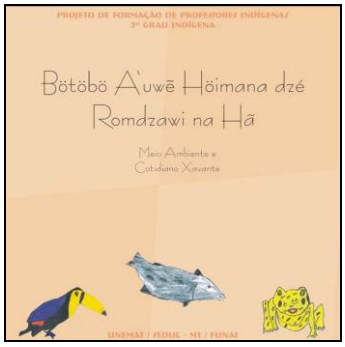
A representação e a apresentação de si (dos povos indígenas) dizem respeito à forma de ver a história em que, pesa uma crítica atual de como a imagem do índio foi e ainda é reproduzida pela sociedade ocidental nos livros didáticos, currículos e na mídia. A arqueóloga Amanda Esterhuysen (2000), ao discutir a educação na África do Sul até 1994, afirma que ela foi utilizada como um instrumento segregador e discriminatório. A história oficial sustentou e perpetuou essa ideologia, como uma versão distorcida que mantém o orgulho sobre a identidade de um grupo, ao denegrir o patrimônio de uma maioria, quando aliena o passado dos diversos grupos étnicos existentes nesse país.

Questões como essa, em parte, estão superadas, em termos de direitos adquiridos e concepções sobre a questão indígena nas diretrizes e políticas públicas da educação no Brasil. Contudo a educação escolar indígena é foco de intensas e permanentes discussões, principalmente em torno do ensino específico e diferenciado, que não deve sufocar a diversidade, mas pelo contrário contribuir com ela.

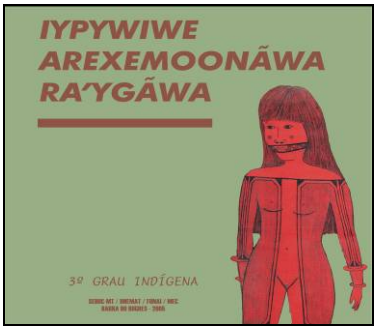
Esterhuysen (2000) indica que a periferia, em termos sociais, culturais, étnicos, de cor, os marginalizados de uma forma geral, requer um maior e mais cuidadoso processo de formação de professores. Um dos focos propostos pelo autor coloca que o processo de formação deve voltar-se para os aspectos teóricos e metodológicos da arqueologia e da educação, que oferecem conhecimentos necessários para serem aplicados na sala de aula. Nesse sentido o autor coloca a importância da publicação de materiais na língua que se identifiquem melhor as especificidades de cada um dos grupos.

A compreensão do processo de pesquisa como uma atividade acadêmica e de produção de conhecimento, ligada ao exercício do magistério, sobre o qual incorre a necessidade do registro da pesquisa, é uma forte consideração para os professores indígenas. A partir disso, é

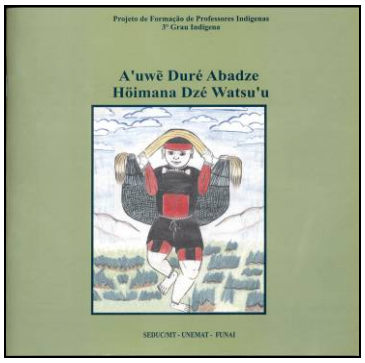
possível pensar que uma das formas de manifestar a especificidade e a diversidade é por meio da publicação, dos materiais e registros produzidos pelos professores. Nesse contexto, tais publicações configuram um material de ponta em termos de concepção sobre a produção de conhecimento, conforme vem ocorrendo no âmbito do Projeto PROESI (Figuras 71 a 74). A partir de práticas como essas que se situam a perspectiva de ensino, pesquisa e extensão da universidade, que contribuem para os projetos de currículos e o futuro da educação escolar nas escolas indígenas.



'Ruri'õ, Lucas e Alunos da Aldeia Abelhinha. *Meio Ambiente e Cotidiano Xavante,* 2005.



Txicão, Mauiá Meg Poanpo; Taffarel, Korowï; Ikpeng, Iokore Kawakum e Alunos da Aldeia Moygu. *Pintura Corporal Ikpeng*. Série Experiências Didáticas, 2005.



Tseretomodzatsé, Frederico Ruwabzu e Alunos da Aldeia São Pedro. *A'uwẽ Dure Abadze Höimana Dzé Watsu'u,* 2005.

Tapirapé, Xario'i Carlos e Alunos da Aldeia Tapi'itãwa. *Ypywiwe Arexemoonãwa Ra'ygãwa*. Série Experiências Didáticas, 2005.

Figura 71: Projeto 3º Grau Indígena: Série experiências didáticas.

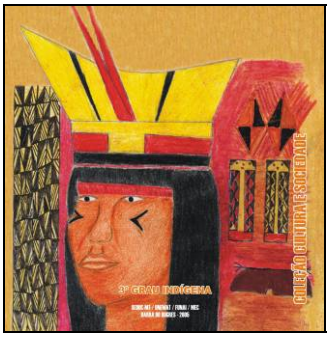
Coleção Vida e Meio Ambiente

Vida e Meio Ambiente. Série Práticas Interculturais – 3° Grau Indígena. Barra do

Coleção Cultura e Sociedade-v.1

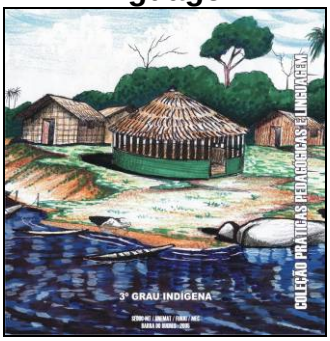
Cultura e Sociedade v.1. Série Práticas Interculturais – 3° Grau Indígena. Barra do Bugres: UNEMAT, 2005.

Coleção Cultura e Sociedade-v.2



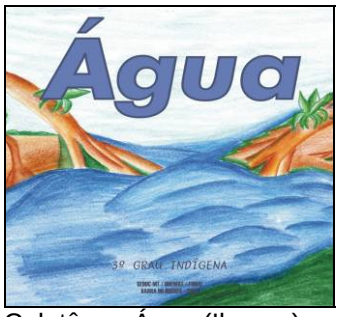
Cultura e Sociedade v.2. Série Práticas Interculturais – 3° Grau Indígena. Barra do Bugres: UNEMAT, 2005.

Coleção Práticas Pedagógicas Linguagem

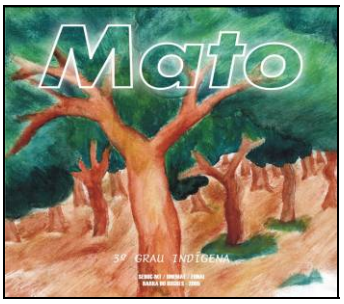


Práticas Pedagógicas e Linguagem. Série Práticas Interculturais – 3° Grau Indígena. Barra do Bugres: UNEMAT, 2005.

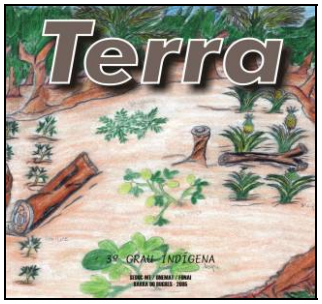
Figura 72: Projeto 3º Grau Indígena: Série práticas interculturais.



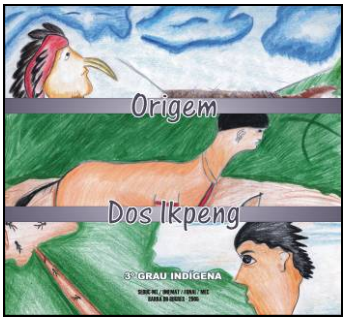
Coletânea Água (Ikpeng)



Coletânea Mato (Ikpeng)



Coletânea Terra (Ikpeng)



Origem dos Ikpeng

Figura 73: Projeto 3º Grau Indígena: Coletâneas sobre água, mato, terra e origem Ikpeng.

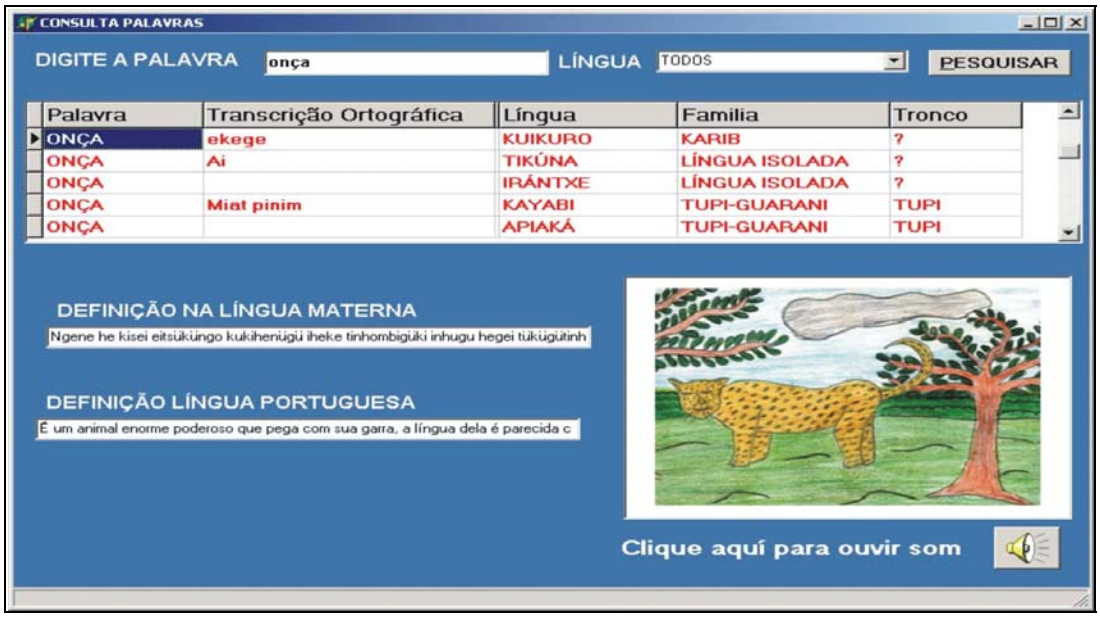


Figura 74: Projeto 3° Grau Indígena: Dicionário Enciclopédico de palavras indígenas.

É dentro da perspectiva de retorno à comunidade do conhecimento produzido que se enquadra um dos pontos sobre a ética nesse trabalho, mencionado anteriormente, diz respeito à publicação dos materiais produzidos pelos professores em torno da disciplina de arqueologia. O PROESI tem três tipos de publicações principais que, são as seguintes séries: “Experiências Didáticas” e as “Práticas Interculturais”, compostas por textos e desenhos produzidos pelos professores indígenas e seus alunos, e o “Cadernos de Educação Escolar

Indígena", que está para publicar seu quinto volume. Essa última publicação é um espaço aberto para os docentes do projeto, os acadêmicos e professores indígenas, pesquisadores e profissionais empenhados na educação escolar indígena, em grande parte artigos sobre a experiência no PROESI.

A idéia do dicionário enciclopédico é um interessante e poderoso instrumento para o conhecimento e estudo sobre a diversidade cultural.

O Dicionário Enciclopédico de Palavras Indígenas é um trabalho desenvolvido pelos professores da área de lingüística do PROESI juntamente com a equipe do projeto. Estão envolvidos diretamente com esse trabalho os professores Marcus Maia e Bruna Franchetto, além de outros professores e pesquisadores e bolsistas. O dicionário também contou com uma parceria com o departamento de Ciência da Computação da UNEMAT do campus de Barra do Bugres em seu início, no cadastro das palavra. A previsão de lançamento do dicionário é para o primeiro semestre de 2008 e atualmente o trabalho se encontra em fase de revisão dos verbetes cadastrados

O dicionário, ao ser usado em escolas indígenas e também, se for o caso nas não indígenas, no meio científico e pela sociedade civil certamente é um excelente instrumento para refletir a diversidade. Similar a esse dicionário, pode ser feito um sobre a cultura material. A partir da organização dos nomes, ilustrações, gravações, e estudos mais aprofundados sobre as especificidades e indagações por meio de um trabalho de campo (com os próprios professores indígenas que em Barra do Bugres).

A participação da comunidade e dos alunos na pesquisa e na produção de conhecimento em forma de textos e desenhos foi colocada como um fator de relevância, que segundo Júlio Cézar Tapirapé (14.3, 20215),

> Eu achei muito importante a minha *pesquisa* que *nós fizemos junto com os alunos* que nós estamos buscando um *conhecimentos que nós não sabemos dos velhos*. *Através da pesquisa* nós estamos conhecendo a *importância de pesquisa* nós podemos *trabalhar com os alunos na escola.* (grifos meus).

O depoimento do professor condensa a questão do conhecimento e de sua aplicabilidade na escola com os alunos, manifestado nos seguintes compromissos: com a comunidade, para que o saber adquirido seja difundido; com a academia*;* e com a escola. Estas questões, compreendidas no contexto da pesquisa, a qual foi iniciada com o pedido de autorização e o consentimento da comunidade, pois os alunos foram orientados pelo professor para realizarem uma parte da pesquisa de arqueologia com seus pais. Após os levantamentos feitos pelas crianças, uma reunião foi realizada entre os alunos e um *velho de grande*

conhecimento. Desse encontro cultural e de pesquisa, os alunos produziram desenhos e, nas palavras de Júlio Cézar (14.3, 20215), *escreveram uma história da pesquisa*.

A produção de material por parte dos alunos, a partir das informações de seus pais, assinala duas questões sobre a especificidade interna no processo, porém não dissociadas: a interpretação, reprodução e registro da pesquisa; e a informação específica decorrente das diferenças clânicas. No que diz respeito ao grau de interação que ocorreu, pode-se dizer que a pesquisa realizou um "círculo". O professor indígena na universidade (orientação dialógica), o professor na aldeia (pedido de autorização), o professor na escola (orientação dos alunos), o aluno em casa (pesquisando), a comunidade na escola (*o velho* W.), e o professor novamente na universidade fazendo o relato de todos esses fatos.

No sentido de pensar a interação da comunidade, professores e seus alunos, (Figura 75), é possível relacionar essa figura ao relato do professor Júlio Cézar. O desenho evidencia a participação ativa destes quatro protagonistas: o professor indígena ou *param'eara,* duas de suas alunas (*katatai*), a *xaryja* (na rede ou *ini*) e o *xeramoja* (sentado no banco ou *ãpykawa*). Esse desenho, feito por ocasião do curso realizado em julho de 2006, para apresentação da atividade realizada durante a etapa intermediária, representa duas questões: como a pesquisa foi feita e o resultado em termos de conhecimentos pesquisados e produzidos sobre a arqueologia.

Quadro 21: Artefatos da etnia tapirapé por Júlio César, Daniel e Xaopokoi

Artefato	O uso do objeto e observações
Adorno labial (tembetá) ou *temekwara*	Confeccionado de *pedra preciosa*, usado apenas na festa de rapaz*
Cesto ou *yro*	Armazenar farinha e venda.
Ãyro	
Peneira ou *yropema*	Produzido por homens e mulheres. Feito de taboca, linha e cipó
Xeke´ã	Armadilha para peixe feita com talo de bacaba (*Oenocarpus bacaba*) ou *pinawa,* mede dois metros de comprimento e é feito pelo homem. É um interdido comer abóbora e manter relação sexual durante seu uso, caso isso ocorra os peixes não vão entrar na armadilha. As mulheres menstruadas não podem comer o peixe pego na armadilha, se acontecer o dono da armadilha tem que ir ao mato, apanhar *remédio medicinal* e passar na armadilha.
Panela ou *ywyexa´ẽ*	Fazer farinha, cozinhar e guardar alimentos
Colher ou *kawĩpywoãma*	Utilizada para servir cauim, feito da tiriva ou *yrywa*
Lança ou *mina*	A ponta é confeccionado a partir de ossos de animais
Flecha ou *o´ywa*	
Arco ou *yrapara*	O similar ritual se chama *ywypãraramaro*
Pilão ou *ino´a*	Pode ser feito do tronco do jatobá (*Hymenaea courbaril*) ou *tamexo´ywa*, pau-brasil (*Caesalpinia echinata*) ou *o´iywaywa*, e antigamente *ameme´ywa, apiniýwa, yykyrywa* apenas pelo homem.
Mão-de-pilão ou *xeminakawã*	Conjunto com o pilão.

Adorno de algodão ou *tamakarã*	Objeto de uso ritual.
Capacete ou *orokôrowa*	Feito com talo de buriti, é de uso ritual.
Banco para descansar*ou ã*pykawa*	O objeto similar feito da carapaça do jabuti também se chama *apykawa*
Esteira ou *miaawa*	Feita da folha nova da bacaba pelo homem, de uso comum.
Cachimbo ou *petywãwã*	Feito de argila.
Rede ou *ini*	Causou surpresa aos professores do troco lingüísticos tupi, reunidos em grupo de trabalho a palavra *ini* designar rede entre os tapirapé, kaiaby, zoró e aweti.

Fonte: Dados da pesquisa.
* Informação de Genivaldo

Kate Pretty (2000), ao discutir a arqueologia e a formação de professores na Inglaterra, considera que os interesses dessa ciência estão divididos entre o melhor conhecimento que ela deve propiciar e a finalidade de conservação e preservação do patrimônio. Entretanto, é consenso a necessidade de habilitar o povo para conhecer mais sobre a disciplina, devido às implicações político-sociais existentes quando se "entra" no passado. A arqueóloga entende que, a efetividade da arqueologia concretiza-se no momento em que os arqueólogos conseguem chamar a atenção dos jovens, missão que cabe muitas vezes aos professores. Quando o professor se torna agente ativo na abordagem da arqueologia em sala de aula, é possível esperar a formação de um público mais crítico no futuro. Kate Pretty (2000) constata que existem diferentes modos e melhores maneiras para aprender e conhecer a arqueologia, sobre os quais, alunos e professores, desenvolvem poderes altamente distintivos e habilidades sociais. A leitura feita sobre a produção do conhecimento e a intensidade do engajamento na arqueologia, é o resultado da experiência dos alunos em duas instâncias : nos processos domésticos e compromissos políticos. Tais colocações permitem que os professores e alunos "sintam" a presença de seus antecessores e estejam atentos às suas "vozes", como uma lembrança necessária para a explicação arqueológica do todo.

O relato dos professores, associado às discussões de Pretty em torno da formação de professores, assinala também a questão da evidência doméstica enquanto ambiente arqueológico. Nessa conjuntura espacial, material e social, são assinalados os seguintes pontos: o diálogo intermediado pela escola entre as várias esferas do grupo indígena; as especificidades das práticas e técnicas para chamar atenção dos jovens, crianças, e alunos, como protagonistas; a produção e a reprodução do conhecimento pelo professor que, estende a pesquisa para seus alunos; a produção de relatos escritos e os registros visuais (ESTERHUYSEN, 2000).

FIGURA 75: Daniel Kabixana Tapirapé; Júlio Cesar Tawy'i Tapirapé; Xaopoko'i Tapirapé. Arqueologia e pesquisa Base: A-4. Técnica: mista. Acervo: PROESI.

4.3. Pesquisa, aprendizado e avaliação: continuidade e ação política na arqueologia

As disciplinas de Arqueologia no PROESI, assim como todas as outras, passam por alguns processos de avaliação. Ao final das aulas da disciplina ministrada em janeiro de 2006, os professores indígenas responderam três questões elaboradas e encaminhadas pela coordenação deste projeto: 1º) Como você avalia a sua participação nas aulas de Arqueologia e Habitação Indígena?; 2º) Dos conteúdos trabalhados no componente curricular Arqueologia e Habitação Indígena, quais você gostaria de aprofundar na próxima etapa?; 3º) O que mais chamou a sua atenção nas aulas de Arqueologia e Habitação Indígena?

A discussão existente neste trabalho busca também analisar como a disciplina de arqueologia foi pesquisada, utilizada, aproveitada e avaliada fora das salas de aula da UNEMAT. Em julho de 2006, os professores indígenas, ao término da disciplina, responderam a duas perguntas: 1) Sobre as aulas de Arqueologia, que conteúdo você gostaria que fosse reforçado numa próxima etapa?; 2) Qual a importância da Arqueologia para os povos indígenas?

Portanto, é bem razoável pensar que existe uma segurança relativa tanto em relação ao retorno dado pelos professores indígenas, quanto em relação à impressão e registro que tiveram sobre a arqueologia. Entende-se que a reação dos professores é compreendida como parte do resultado dos procedimentos adotados na pesquisa.

Márcia Bezerra de Almeida(2002) além de explicar que o arqueólogo deve estar atento ao perfil do público com quem irá trabalhar, ressalta a necessidade de seu trabalho ser avaliado não apenas no momento de sua participação junto ao seu público, mas também na capacidade de seu discurso contribuir e ser aproveitado pelos alunos fora da sala de aula. Para a arqueóloga, os resultados satisfatórios no trabalho que relacione arqueologia e educação são decorrentes da relação entre *o sólido conhecimento da disciplina, a organização da informação apresentada e o conhecimento das estruturas de aprendizagem do público escolar* (BEZERRA ALMEIDA, 2002, p.60).

Ao tratar a avaliação dos professores a partir de sua saída da universidade e sua atuação na aldeia, o professor Apakalatu Kuikuro (14.3, 20170) compartilha que, por ocasião da pesquisa na etapa intermediária, *aprofundei mais conhecimentos da Etapa Presencial.*

A arqueologia, no universo acadêmico, abriu um espaço de diálogo na comunidade do professor, pois permitiu a ele aprofundar e buscar novos conhecimentos. Nesse contexto, o professor defronta-se com diversos processos de difusão e recepção de saberes, que representam concepções e pontos de vista, sobre os quais novos elementos são conhecidos,

interpretados, codificados e simbolizados. Avaliar de forma contínua e propor novos questionamentos, e novamente avaliar os processos de interação, é um encontro com realidades culturais diversas, indígenas e não-indígenas, importantes e fundamentais para serem pensadas.

O professor Yaconhongrati (14.3, 20147) da etnia suyá considera que a importância da atividade ocorre *porque através da pesquisa que eu conheci* ***novas informações*** *e conhecimento sobre artefatos antigos* (grifo meu). Parece que a consolidação do conhecimento efetiva-se também quando novos objetos são conhecidos, no momento em que o professor se faz pesquisador. Além disso, outro horizonte é vislumbrado, quando a contribuição para o conhecimento reside na cultura do outro, segue o professor, *conheci outros* ***objetos antigos dos outros povos indígenas*** (grifo meu). E conclui: *porque* ***sem fazer pesquisa, não conheci nada nova informação*** *sobre coisas do passado* (grifo meu).

Yaconhongrati, na mesma linha de pensamento que o professor Apakalatu Kuikuro, refere-se à aquisição e ampliação de conhecimentos. Além disso, acrescenta um outro olhar, o de conhecer a cultura material de outros povos. A interculturalidade não é vista somente naquilo que a universidade passa, mas, sobretudo, na troca de experiência e intercâmbio com outros povos presentes no PROESI, que são poderosos instrumentos de diálogo. A idéia e a relevância sobre a troca de experiências entre os professores no ambiente do curso é uma maneira de discutir diferentes formas de encarar e resolver problemas políticos, sociais e históricos. Essa interação é manifestada nos grupos de trabalho, assim como na troca de experiências na apresentação dos trabalhos que, em alguns casos, congrega diferentes povos de um mesmo tronco ou família lingüística. Os professores identificados em uma demonstração de dança "puxada" por Luís Bakairi na foto da Figura 76. Da esquerda para a direita estão: Elves Iacauh (bakairi), Yunak Yawalapiti, Maria Síria Rupê (chiquitano), Aigi Nafukuá, Valdomir Ianu e Luís Apacano Kapeguara (ambos bakairi).

Figura 76: Interação intercultural entre os professores. Foto Luciano Silva.

No contexto da interculturalidade, pensar o conhecimento conduz a uma reflexão de como proceder na pesquisa, pois incorpora visões pragmáticas sobre a sua utilidade e destinação. Não se trata do conhecimento pelo conhecimento, mas sim, da pesquisa com uma finalidade. Conforme sugere Alvanei Reginaldo (14.3, 20145) ao dizer que, *além de obter* ***mais conhecimentos****, tem me ajudado* ***no trabalho de estudo e resgate de parte da nossa cultura*** *que já estava deixando de ser praticado pelo grupo* (grifos meus).

Os relatos dos professores expressam a apreciação sobre a pesquisa em arqueologia, assim como, a continuidade e a extensão deste processo, trata-se portanto, de uma pesquisa-ação. Colley (2000), ao discutir os currículos de história antiga na Austrália, sustenta que, o assunto demanda uma ação entre os estudantes em prol da utilização de métodos empregados por historiadores e arqueólogos na investigação do passado, inclusive sobre a ética da ciência arqueológica. A autora acrescenta ainda que isso ocorre com mais eficácia quando o método for adequado à realidade regional do aluno.

As constatações apresentadas pelo professor Alvanei, associadas às referências de Colley sobre as especificidades regionais e o processo de colonização, estão diretamente ligadas aos planos do professor.

Ao retomar a discussão sobre o processo de desterritorialização sofrido pelo grupo terena da aldeia Kopenoty, em seu passado mais recente, é possível pensar a proposta de Pretty (2000), acerca das evidências domésticas refletidas na experiência e na familiaridade do estudante em seu contexto de estudo sobre o qual a arqueologia tende a contribuir. O caso apresentado por Alvanei demonstra, uma forma de tratar os problemas cotidianos ao estabelecer uma ligação entre a arqueologia e o processo educacional, tanto acadêmico como

escolar. Isso possibilita identificar a ação do professor como uma tendência teórica no campo das reivindicações dos movimentos indígenas. A compreensão da dimensão antropológica associada à arqueologia evidencia que, as identidades são (re) construídas de acordo com a situação, as quais não são essencialmente autodefinidas, mas sim produzidas, ao descrever seus aspectos gerais, suas contradições e especificidades (FUNARI, 2000). Portanto, é possível deslocar os sujeitos de exclusão para um outro patamar, o de agentes ativos no processo da discussão científica, política e de ação social.

Existe uma consciência acerca da aplicabilidade intelectual da arqueologia, como uma reflexão intercultural e interdisciplinar, cujos elementos devem ser incorporados aos currículos e aos desafios da escola indígena. Neste contexto, Nivaldo (14.3, 20157) da etnia xavante revela que, a atividade ensina *a maneira da riqueza com os conhecimentos no sentido dos* ***desafios, história cultura*** *[...] é através da* ***pesquisa que se conhece e aprende***.(grifos meus). O conhecimento do universo intercultural também se faz no sentido de arregimentar informações em torno de duas culturas, a indígena e a dos não índios, que, segundo Ibene Kuikuro (14.3, 20183), *é muito bom eu* ***ter dois conhecimentos*** *não-indio e do conhecimento do povo Kuikuro* (grifo meu).

Joanne Lea e Karolyn Smardz (2000) declaram que, ao se reconhecer à necessidade de estabelecer uma comunicação com o público, são definidos objetivos que visam estimular e divulgar o conhecimento arqueológico e na promoção de atividades proveitosas para a arqueologia. Isso ocorre no sentido de desenvolver programas que interajam com o público, sobre a qual, uma das atividades citadas pelas arqueólogas está relacionada à participação da população local em escavações e na interpretação pública em sítios arqueológicos.

Estas questões referem-se às formas de difundir a arqueologia por meio de projetos que visam, além do esclarecimento da disciplina ao público comum, a formação de professores. O contexto teórico e metodológico em uma sala de aula na aldeia, aplicado por um professor em meio a um processo de formação acadêmica, demonstra um caráter multicultural, sobre o qual, Ibene identifica a arqueologia como um instrumento ocidental, face ao conhecimento kuikuro.

Ao retomar a leitura de Coley (2000), quando pensa a arqueologia e o público, ela pontua que, essa relação caracteriza-se pela diversidade e ambigüidade, devido à opção dos próprios arqueólogos ao privilegiar alguns assuntos, em detrimento de outros. Colley cita o caso das pirâmides do Egito e as ruínas de Pompéia que, ao serem privilegiadas choca-se com a opção pelas pinturas e ferramentas líticas dos povos nativos.

Em termos de associar a experiência do professor kuikuro às formas de interação e

ação sobre o conhecimento de duas sociedades, e à realidade contextual na qual foi realizado o curso (multicultural), é possível sugerir que a percepção do professor refletirá na extensão e na continuidade dos saberes da pesquisa. Mesmo que, as reflexões sobre a arqueologia partam de um lugar específico, a cultura kuikuro, o olhar se volta também para os instrumentais interculturais que refletem a própria diversidade. Tal percepção contribui para o maior conhecimento, respeito e solidariedade entre as diferentes culturas.

Esterhuysen (2000) afirma que a arqueologia na educação possibilita aos alunos reconhecer as contribuições de todos na história do país, o que estabelece um vínculo com o passado e estimula a empatia e compreensão entre diferentes grupos.

4.4 Perspectivas e ações em arqueologia

As questões apresentadas demonstram posicionamentos e posturas em torno da arqueologia e da educação, em um processo participativo, contínuo e avaliativo.

A pesquisa e a busca pelo conhecimento devem ter em mente a seguinte questão: qual é a sua contribuição às sociedades e qual seu papel em uma comunidade? Portanto, o conhecimento não se esgota em si, ele tem uma finalidade permanente. Acerca da aplicabilidade da arqueologia na escola junto aos alunos, Antonino cita que, *nós professores indígenas, tem* ***muito a aprender para depois ensinar*** *aos alunos na sala de aula, sobre a arqueologia* (grifo meu).

Percebe-se, com isso, a necessidade de que os conhecimentos sejam repassados para as novas gerações, o que possibilitará, na medida do possível, a continuidade do conhecimento, ou seja, a idéia de perpetuação do conhecimento gerado pela pesquisa. Abordagens como essas apontam para uma ação que revitaliza a história, renova o interesse dos jovens e das crianças sobre o seu patrimônio, e que, possibilita a maior compreensão sobre a importância da arqueologia como uma ferramenta para se desvendar o passado (ESTERHUYSEN, 2000).

A internalização e a aplicação das atividades pelo professor condizem com suas preocupações e anseios. Ao acadêmico e professor cabe compreender e "negociar" com a comunidade sobre aquilo que deve ser aplicado na sala de aula. Tal reflexão leva em consideração a relação entre o professor e a sua identidade, que não é única, mas sim proveniente da sua trajetória histórica, assim como da comunidade. Elves (14.3, 20140) da etnia bakairi considera que a relevância da pesquisa ocorre porque,

> [...] eu, em particular achei muito importante e interessante, onde eu pude *aprofundar nos conhecimentos* do meu povo Kurâ-Bakairi sobre os passados e isso também fez com que pudesse *transmitir para os meus alunos*. (grifos meus).

Além da aplicação dos conhecimentos na escola, a questão do registro desses saberes em sua forma escrita foi ressaltada pelo professor em termos de um retorno ao passado, com os olhos do presente, para então vislumbrar o futuro. Sobre isso, Carmelo da etnia xavante (14.3, 20186) considera que,

> No meu ponto de vista essa pesquisa é muito interessante e importante de *saber fazer a produção de artefatos e conhecer o que está guardado na memória do meu pai e de nossos antepassados* para *deixar escrito no livro para nossos netos*. Ninguém sabe se vai continuar a utilizar os artesanatos e produção de artefatos, eu sabia disso (grifos meus).

Carmelo avalia o registro escrito como uma forma de resguardar as memórias do pai e o conhecimento herdado dos antepassados, resultante da dúvida e risco sobre a continuidade da produção e do uso dos artesanatos atuais. A partir dessa preocupação existe uma reação, sobre a qual, o registro e a perpetuação do conhecimento são marcantes. Conforme evidenciado nas palavras de Tino (14.3, 20151) da etnia xavante, ao dizer que a pesquisa foi, *muito importante* ***se não houver registros*** *e documentos deste materiais da arqueologia, os* ***nossos sucessores não conhecerão direito a pesquisa para revitalização.*** (grifos meus).

O antropólogo José Sampaio (2006), ao discutir a questão do resgate cultural, constata que muitos dos agentes empenhados na educação escolar indígena acabam por não considerar as "visões etnocêntricas" sobre essas sociedades. Tais visões têm, como princípio, a questão da autenticidade cultural em relação à idéia de degeneração da cultura que teria ocorrido com o colonialismo cultural. A idéia erroneamente construída sobre as verdadeiras culturas indígenas, preconiza como autênticos, as sociedades que estariam paradas no tempo, em estado de *encantamento, de pureza, resultantes do isolamento* (SAMPAIO, 2006, p. 169). Essa concepção fornece uma visão equivocada da realidade, que caracterizaria as sociedades como *sociedades da ausência ou sociedades da perda* (SAMPAIO, 2006, p. 170). O autor afirma que pensar o resgate cultural dessa maneira seria negar o processo histórico destas sociedades, assim como, a produção, reprodução, invenção e reinvenção de suas identidades e de seus ordenamentos sociais internos. O antropólogo propõe que o termo resgate cultural deva sofrer um processo de complexificação em termos *de pensar o resgate de suas historicidades, ou, de pensar o resgate da cultura como resgate de informações necessariamente históricas e, portanto, dinâmica* (SAMPAIO, 2006, p. 173).